



PSICOLOGIA
Sandplay

Renata Whitaker Horschutz

O vaso e o fogo alquímico formado pelo campo relacional terapêutico

Trabalho realizado por Renata Whitaker Horschutz e publicado nos Cadernos Junguianos No. 7- 2011, Revista Anual da Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, Ferrari – Editora e Artes Gráficas LTDA, São Paulo.



Sinopse: O presente artigo aborda o importante papel da Alquimia no universo da psicologia analítica, debruçando-se sobre o desenvolvimento da relação entre ambas. Descreve a construção do vaso terapêutico destinado a conter o material psíquico a ser transformado, num processo de análise, durante o qual cabe ao alquimista/terapeuta dominar a arte de controlar o fogo, a quantidade de libido capaz de modificar a psique do paciente. Seu objetivo consiste em salientar a Alquimia como uma preciosa ferramenta para o estabelecimento de uma ligação anímica entre analista e paciente.

Palavras-chave: Alquimia, vaso, fogo, relação terapêutica, transformação.

Abstract: This article emphasizes the important role of Alchemy in Analytical Psychology, by establishing a relation between both. It describes the construction of the therapeutic vessel which is meant to contain the psychic material in need of transformation, in an analytical process, during which the alchemist/therapist must possess the key to control the fire, the amount of psychic energy necessary to modify the patient's psyche. The aim of this study was to stress Alchemy as a precious tool for the establishment of a soul-to-soul link between patient and analyst.

Key words: Alchemy, vessel, fire, therapeutic relationship, transformation.

Resumen: El presente artículo aborda el importante papel de La Alquimia en el universo de la Psicología Analítica, encarando el desarrollo de la relación entre ellas.

El artículo describe la construcción del "Vaso Terapéutico" destinado a contener el material psíquico que deberá ser transformado, en un proceso de análisis durante el cual cabrá al alquimista/terapeuta dominar el arte de controlar el fuego, la cantidad de energía psíquica capaz



de modificar la psiquis del paciente. Su objetivo es destacar la Alquimia como una herramienta valiosa para establecer una conexión anímica entre el analista y su paciente.

Palabras clave: Alquimia, vaso, fuego, relación terapéutica, transformación.

Que é essa vida que percorre nosso corpo como fogo? O que é a vida? É como o ferro fundido. Pronto a ser derramado. Escolha o molde, que a vida irá queimá-lo.

—Mahabharata abud JUDITH, 2010, p. 177

A Alquimia é uma arte que integra Química, Antropologia, Astrologia, Misticismo, Filosofia, Matemática, e Religião. Praticada no Egito antigo, na Mesopotâmia, na China, na Grécia, no mundo Islâmico e na Europa, consistia na investigação e aceleração dos processos da natureza, baseando-se nos quatro elementos: terra, ar, água e fogo. Seus objetivos principais eram a transmutação dos metais inferiores em prata e ouro; a criação da Panacéia, remédio capaz de curar todos os males; a descoberta da Pedra Filosofal, seu objetivo maior, capaz de aproximar o homem de Deus, produzindo assim o Elixir da Longa Vida.

Esta ciência é muitas vezes de difícil compreensão, pelo fato de sua expressão ser metafórica, simbólica e imagética. Porém, são justamente essas características que melhor nos permitem a aproximação da psique, e os consequentes passos necessários para a realização das conexões e integrações fundamentais para o desenvolvimento humano.

A Alquimia atua na energia vital do ser humano, em seu corpo, assim como em sua alma, psique, idéias, emoções e sentimentos que animam e dão vida ao corpo, como



também no espírito, ou seja, na centelha divina que reside em todo ser humano. Portanto, ela integra o corpo à alma, e esta ao espírito, ocupando-se da evolução e do desenvolvimento humano, trazendo um propósito e um significado profundo à existência.

Para melhor ilustrar a atuação da Alquimia na psique, podemos fazer uma analogia com a chama de uma vela: a parte do pavio que conecta o fogo à vela, sua parte material mais quente, simboliza o corpo; o meio da chama é a alma, a psique; a ponta da chama, muitas vezes difícil de enxergar por permanecer oculta, é o espírito.

Em 1946, traçando um paralelo entre a alquimia e a psicologia do inconsciente, em sua obra *Psicologia da Transferência*, Jung tratou dos aspectos transferenciais na psicoterapia, comparando-os com as imagens alquímicas do *Rosarium Philosophorum*. Foram-lhe necessários aproximadamente 10 anos para decodificar, intuir e entender as fórmulas, receitas, desenhos e símbolos alquímicos.

Porém, seu interesse pela alquimia já havia surgido muito antes disso, em 1909. Ao estudar a mitologia e os gnósticos, notou o aparecimento de símbolos alquímicos, sendo particularmente atraído pelo deus Cratera, originário da tradição Gnóstica, o qual representa um vaso contendo misturas alquímicas, destinado a ser ocupado pelo espírito. Enviado à terra para batizar os indivíduos que almejam a um desenvolvimento maior e à consequente expansão da consciência, este vaso simboliza então um útero em cujo interior ocorrem as transformações necessárias para que se processe o renascimento diferenciado de um indivíduo.



Ao serem mencionados no campo da psicologia, *vaso* e *fogo alquímico* adquirem sentido muito mais amplo, relativo à energia que envolve esses arquétipos. Ao adentrar o universo alquímico, podemos estabelecer uma analogia com a psicoterapia junguiana, onde a relação terapêutica ocorre em um espaço livre, protegido, com isenção de julgamentos e total sigilo, relativamente a todo o material abordado — sonhos, fantasias, verbalizações, emoções, sentimentos, segredos, tudo o que diz respeito à intimidade do paciente. Assim, pode se tomar esse espaço terapêutico, metaforicamente, por um vaso onde são depositados todos os elementos da matéria a ser trabalhada para a grande transmutação alquímica.

Do radical *ark*, que remonta à origem das línguas europeias, derivam as palavras *arquétipo* (que significa “forjado há muito tempo, modelo exemplar, padrão”), *arcanjo* (chefe dos anjos), *arquiteto* (chefe dos construtores), assim como o termo *arca*, que significa “algo que contém, limita”, isto é, um utensílio que, ao afastar do todo, se torna um ponto de partida, um começo, um vaso depositário de tesouros, do que é valioso e misterioso. Portanto, para iniciar um processo terapêutico é necessário primeiramente se formar a arca, o vaso.

Os hebreus tradicionalmente possuíam a arca da aliança, onde, acredita-se, estavam guardadas as tábuas dos dez mandamentos, tendo as mesmas medidas, em escala reduzida, que a arca de Noé, o *vaso* que livra o viajante do dilúvio, de se afogar no mar dos conflitos, das dores e das paixões, e onde se operam transformações, a possibilidade de renascimento para um nível mais evoluído.



O espaço terapêutico da psicologia junguiana é como um vaso, onde será realizado o trabalho seguindo a direção oferecida pelo inconsciente, que é a fonte dos conteúdos a serem trabalhados. Podemos, por conseguinte, compará-lo a um laboratório (termo derivado do radical *labor*, trabalho), onde ambos, alquimista/analista e paciente, precisam, com amor, perseverança, humildade, empatia, paciência e ressonância, realizar o grande trabalho.

Segundo a Wikipedia, o termo *vaso* designa qualquer objeto côncavo destinado a conter substâncias líquidas e sólidas. Nesta acepção, podemos falar de vasos sanguíneos e linfáticos, por exemplo, os canais pelos quais circulam os líquidos que percorrem o corpo dos animais, respectivamente o sangue e a linfa. Na botânica, existem as estruturas tubulosas articuladas formadas por células coaxiais por cujo interior flui a seiva nas plantas. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaso> — Acesso em 10/04/2011)

____ Segundo Chevalier e Gheerbrant, em *Dicionário de Símbolos*, para a Cabala, assim como na literatura medieval, o vaso tem o significado de tesouro. Por tal, apoderar-se de um vaso equivale a conquistar um tesouro; quebrá-lo significa aniquilar pelo desprezo o tesouro que ele representa. O vaso alquímico e o vaso hermético sempre significam o local em que se operam maravilhas; é o seio materno, o útero no qual se forma um novo nascimento. Daí vem a crença de que o vaso contém o segredo das metamorfoses. O vaso encerra, sob diversas formas, o elixir da vida: é um reservatório de vida. (CHEVALIER e GHERBRANT, 1988, pp. 931, 932)



Abrangendo terapeuta e paciente, o vaso contém a relação entre ambos: transferências, contratransferências, compreensão, acolhimento, associações, percepções, fantasias. Contribuindo para a transformação do sofrimento e dos sintomas do paciente, age igualmente sobre o terapeuta, que também sairá transformado desse vaso.

Para ocorrer um processo psicoterapêutico, no qual a individuação se inicie, a consciência torna-se imprescindível, pois é a partir dela que o homem irá se separar e ao mesmo tempo estar integrado à natureza. Podemos dizer metaforicamente que a consciência neste processo de diferenciação e integração é simbolizada pelo fogo.

A psique abrange consciente e inconsciente, porém é somente através da consciência que ela pode ser vivenciada, portanto através do fogo. A alquimia é uma arte do fogo.

Então, todo o material psíquico do paciente é colocado dentro do vaso alquímico para que possa ser revisto, recriado, transformado, observado sob outros ângulos, em seu mais profundo interior, ocorrendo diversos processos e operações com o objetivo de transformar a fantasia em realidade, de fazer o desejo do alquimista - paciente/analista triunfar sobre a Natureza agressiva e insensível. Isto se dá através da aquisição da consciência.

Em geral a primeira operação alquímica que ocorre nos processos terapêuticos, é a *calcinatio*, na qual há um fogo queimando e comprometendo alguma substância, ou seja, conteúdos psíquicos. Quanto mais o ego estiver estruturado, menos ele se torna dominado e possuído por um afeto. É a partir do fogo que alimenta o complexo que o



paciente vai se conscientizando de suas questões, fazendo com que os complexos não atuem mais autonomamente, tornando-os imunes ao fogo, pois o que é isento ao fogo é livre e não se identifica e nem é possuído por um afeto.

Os complexos são aglomerados de pensamentos, desejos, lembranças, sentimentos, carregados de intenso potencial afetivo, conflitante e inconciliável com a consciência, retendo a energia psíquica e gerando reações exacerbadas no indivíduo que está possuído por determinado complexo. É através da passagem pelo fogo que os complexos mais primitivos são transformados e deixam de atuar autonomamente, isto é, sem o controle do indivíduo. A alquimia nos mostra isso na imagem do dragão, que simbolicamente são os afetos inconscientes, que ao serem vencidos, se transformam em salamandra, a qual é uma forma domesticada e mais suave do dragão. A salamandra é a criatura da transformação, que simboliza os afetos que saem de dentro do fogo e já estão conscientes para o paciente.

Rubem Alves ilustra estes processos com uma bela metáfora:

A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão porque ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas



há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento.

(<http://www.rubemalves.com.br/quartodebadulaquesXIV.htm> acesso em 26/03/2011)

Cabe aqui também a lembrança do seguinte texto de Clarice Lispector, grande alquimista das palavras, que tão profundamente atinge a nossa alma:

Eu, alquimista de mim mesmo. Sou um homem que se devora? Não é que vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos modos de existir. Vivo de esboços não acabados e vacilantes. Mas equilíbrio-me como posso, entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus. É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. (http://www.paralerepensar.com.br/c_lispector.htm acesso em 26/03/2011)

Assim como o alquimista precisava aprender a dosar o fogo e as substâncias e metais mais importantes utilizados em seus experimentos (o chumbo, o enxofre, o mercúrio e o sal), o analista terá que adquirir a capacidade de equilibrar seus pacientes, reduzindo os excessos e suprindo a escassez.

O alquimista/analista precisa estar atento para não cometer erros que poderão prejudicar todo o processo, calcinando a substância errada, ou escolhendo a operação



inconveniente que poderá consumir ou desgastar as substâncias necessárias para o desenvolvimento saudável do processo, por isso se faz tão necessário também o conhecimento das principais substâncias presentes ou demandadas no processo de cada indivíduo.

Um analista precisará desenvolver a arte de identificar todos estes elementos, estando atento para discriminar qual o caminho a seguir, como temperar ou retirar elementos que estão no interior do vaso, a partir da observação dos pacientes, de seu estado psíquico, para assim poder cozinhar o “caldo” que produzirá a síntese e a integração, ou, utilizando uma linguagem alquímica, a *conjunctio* mais elevada possível. Este é o caminho da individuação, ou seja, da realização da nossa essência, quando esta passa a dirigir o ego, e não o contrário, afinando a personalidade ao *daimon*, ou fruto do carvalho, como James Hillman nomeou a essência em seu livro *O código do ser*.

É, no entanto, essencial saber conduzir com maestria os meandros do processo terapêutico, para que não sejam realizadas operações nas quais o ego venha a passar por fases que não tem capacidade de suportar. O terapeuta deve estar sempre atento ao tipo de vaso criado na relação terapêutica e à qualidade de fogo necessária, pois um vaso frágil não pode ser colocado diretamente no fogo, sob pena de estourar, requer certos cuidados que tornam o processo mais moroso, um aquecimento em banho-maria, até que o paciente esteja apto a transcender o ego, vivenciando a morte deste e o seu renascimento, transformado, o que requer muita entrega e confiança, tanto por parte do analista como



do analisando, além de crescente atenção aos símbolos que emergem do inconsciente e da relação transferencial.

Todo conteúdo do processo precisa se envasar, pois até o oceano possui uma forma, mas é muito importante observarmos a forma que o conteúdo assume, mais do que o próprio conteúdo. Por exemplo, é fundamental observar como uma emoção é envasada, pois ainda que sentimentos como ciúme, raiva, amor, sejam comuns a toda a humanidade, a forma como se manifestam é individual.

Na Bíblia da tradição cristã, Antigo Testamento, nossa vida pode ser comparada a vasos, como podemos ler em *Isaías 64:7*: “Iahweh, tu és nosso pai, nós somos a argila e tu és nosso oleiro, todos nós somos obras das tuas mãos.”

O oleiro era o profissional que fabricava jarros, vasos e outros artefatos de barro. Ele rodava a argila em um torno, uma espécie de disco de madeira ou metal, com habilidade produzindo a forma da peça. Caso o resultado não fosse bom, amassava toda a argila novamente e reiniciava o processo, deixando em seguida a peça pronta para secar ao sol, antes de levá-la ao forno. É interessante observar que tanto a cerâmica, como o vidro ou o metal, requerem a utilização do fogo para sua moldagem, neste caso particular, para a criação de um vaso.

A descoberta do fogo foi de suma importância para o desenvolvimento da humanidade, possibilitou que os alimentos pudessem ser cozidos, amolecidos, fazendo com que o organismo recebesse e pudesse processar mais nutrientes e proporcionando o consequente desenvolvimento do cérebro.



Após a descoberta do fogo, logo surgiu a cerâmica, capaz de acondicionar os alimentos, sementes e água, o que propiciou a cultura, já que agora o homem podia transportar tudo o que lhe era necessário para sua sobrevivência para outros lugares, podendo até fixar-se onde lhe aprouvesse, já que viria a descobrir que aquele mesmo barro que secava e endurecia após ficar exposto ao sol ou ao calor do fogo, não só lhe permitia criar vasos e potes, mas até ferramentas, ou casas. A palavra cerâmica, do grego *keramos*, louça de barro, remonta a um passado longínquo, sendo as primeiras cerâmicas encontradas, pré-históricas.

Os povos da Antiguidade deixaram registrados em suas peças de cerâmica seus mitos, ciência, arte, história, crenças, registrando assim sua cultura, elementos preciosos para os pesquisadores, que por seu intermédio puderam recolher informações que lhes permitiram rastrear o desenvolvimento do homem primitivo. O estudo da cerâmica e de suas técnicas de fabricação é como uma escrita para os historiadores e arqueólogos, um importante instrumento de aprendizagem relativa à vida das civilizações que nos antecederam.

Nas escavações arqueológicas, os vasos são amplamente encontrados e, ainda que só se encontrem os cacos, é possível a partir deles inferir aproximadamente a data em que foram feitos. Os primeiros vasos refratários criados pelo homem, depois da descoberta do fogo, são rodeados de mistérios e contos. Nos caldeirões eram preparados remédios, alimentos, poções e posteriormente foram utilizados para a fundição de metais. Na Idade



da Pedra, os caldeirões eram entalhados na pedra vulcânica, no chão; na Idade do Ferro, eram feitos em ferro; na Idade do Bronze, em bronze.

Cabe, neste ponto, citar alguns exemplos de vasos e fornos utilizados na alquimia durante a Idade Média, e fazer uma breve descrição do *modus operandi*:

CADINHO: podendo ser fabricado em argila ou porcelana, era usado na fundição e purificação básica dos metais;

OVO FILOSÓFICO: o Ovo Filosófico, ou *Vas Hermeticum*, era um vaso sagrado que suportava altas temperaturas, gerando pressão.

RETORTA: a retorta, provavelmente usada até a atualidade em destilações e sublimações, é semelhante à lâmpada árabe.

PELICANO: o pelicano era um vaso hermético usado na circulação de tinturas de metais, vegetais ou minerais.

ALAMBIQUE: o alambique era utilizado em Alquimia na destilação, preparação e extração de elixires, tinturas, e está relacionado à quintessência, ou seja, à formação de uma substância transparente, inalterável, portanto indispensável à Obra, visto que é uma meta a ser alcançada.

Os experimentos alquímicos necessitavam de fornos, como o *athanor*, um forno espagírico que recebe um vaso hermético em formato de ovo, uma ampola ou ainda centenas de Ovos Filosóficos. Os fornos alquímicos ou espagíricos eram construídos em cimento ou tijolo refratário, seguindo tanto a forma de agir da via úmida ou da via seca, ou



ambas. A via seca é rápida e realizada com o forno aberto, utilizando fogo direto, vivo e forte e o vaso mais utilizado nessa operação é o cadinho. Já a via úmida é mais eficaz, porém vagarosa, o forno sendo fechado, porém espaçoso. Era realizada em um vaso fechado, como o pelicano ou a retorta, permanecendo em fogo brando por um longo período. A via úmida assemelha-se ao caminho do desenvolvimento da consciência e à expansão do autoconhecimento.

Existem, portanto, muitos tipos de vasos e de fornos que precisam ser construídos ou usados, dependendo da psique individual e do material produzido por cada indivíduo, e de como este precisará ser cozido para, a partir destes dados, se construir o vaso mais adequado. Este, numa linguagem metafórica, pode ser frágil, em espiral, em forma de retorta, panela, com tampa, permitindo o aumento de pressão, ou sem tampa, permitindo a evaporação, bojudo, o qual permite que a matéria evapore e volte para o interior; há ainda outros tipos, que permitem a estocagem, que mantêm a temperatura, que resfriam, esquentam; pode ser reto, transparente, opaco, escuro, fino, grosso, esmaltado, feito de diferentes materiais, como vidro, argila, cobre, ferro, madeira. Alguns esquentam rápido, mas trincam com facilidade, outros são mais resistentes; uns são opacos, outros transparentes, coloridos, estilizados.

Os vasos são, enfim, a maneira como cada indivíduo vivencia os fatos que a vida vai lhe apresentando, os desafios com os quais se depara, e um processo pode necessitar de várias qualidades de vaso.



Portanto, a psicoterapia, tal como a alquimia, contribui para acelerar o processo de conscientização e de transformação dos conteúdos psíquicos tanto do paciente como do terapeuta, visto que ambos adentram o mesmo vaso e passam pelo mesmo fogo, pelas mesmas temperaturas, juntos:

Ninguém mexe com fogo ou veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo. (JUNG, *OC XII*, 1991, p.19)

Dentro do vaso ocorrem as experiências mais difíceis de serem expressadas e acessadas, pois exigem de nós o que mais nos aterroriza, a vivência da totalidade, sendo todos esses conteúdos nele depositados, a fim de sofrerem um processo de transformação.

Como nos diz Jung, o ser humano prefere cultivar a psicologia de compartimentos, onde uma gaveta nada sabe sobre o conteúdo da outra. Porém, nesse vaso alquímico formado dentro do laboratório terapêutico todos esses conteúdos serão colocados dentro de um vaso, fruto da relação terapêutica.

Após serem construídos, os vasos estarão vazios, para assim, ao longo do processo, poderem conter a matéria que será colocada dentro deles, porém cada vazio tem uma forma que difere, dependendo do formato do próprio vaso: pode ser expresso sob a forma de não-pertença, abandono, tristeza, ou mesmo o todo, o potencial de vir a ser, para um oriental, por exemplo. Na alquimia, o vazio refere-se a um vaso que está sendo construído, apontando para vários modos de conter, de experimentar, diferenciar, medir, enfim é o



espaço que permite à imaginação trabalhar e, sobre o fogo do desejo, gradativamente transformar as imagens em matéria-prima.

Jung afirma que “o conceito de *imaginatio* é provavelmente uma das chaves mais importantes, senão a mais importante, para a compreensão da *opus*” (JUNG, 1991, OC XII, § 396).

Muitas vezes é difícil começar a preencher o vaso, por isso é recomendável começar pelo fim, começar pelo desejo, pelos sonhos e pelos meios de concretizá-los, porém sem críticas ou julgamentos, sabendo que até o improvável, se for realmente um desejo, pode acontecer. É nesse ponto que o trabalho de colocar o material no vaso se inicia, separando o que realmente se quer da massa confusa e colocando no vaso.

Por isso dizemos que os vasos tanto contêm como separam, pois qualquer conteúdo que é colocado dentro de um recipiente foi primeiramente separado da massa confusa externa. Em seu livro *Alchemical Psychology*, James Hillman afirma que a substância que foi colocada em um vaso foi separada da pilha principal tornando-se diferenciada, simplesmente em função de um recipiente a conter. Exemplifica esta afirmação por meio da água que, ao ser envasada, toma a forma do seu continente, diferenciando-se a água do rio, da lagoa, do poço. No momento em que a água sai da torneira e enche o vaso, ela assume uma forma que a personaliza e individualiza.

Portanto, não podemos tratar de todas as fantasias, imaginações, histórias, dores, emoções, afetos, sofrimento, somente podemos olhar e cuidar daquela parte específica que foi separada e que tomou uma forma reconhecível. Para isso, o vaso precisa ser



construído de acordo com cada caso, tendo a proporção e a resistência correta, podendo assim conter a quantidade de material que, discriminado da massa indiferenciada, passará por todas as operações necessárias para a sua transformação.

Tudo aquilo com que precisamos nos relacionar, ou que devemos enfrentar, deve primeiramente ser limitado. A isto Alberto Magno, citado por Hillman na obra supracitada, se referia ao afirmar que, se Deus não nos tivesse dado vasos, todos os seus outros presentes teriam sido inúteis.

Os conteúdos psíquicos de projeção autônoma constituem a *prima materia* contida no vaso, e como este conteúdo é individual, em cada caso será único, portanto, diferente. Os alquimistas tentaram definir essa matéria prima de diversas maneiras, porém elas são ilimitadas, assim como suas misturas.

Sal, mercúrio, chumbo, ouro, fogo, terra, sol, céu, sangue, água, orvalho, ar, ferro, minério são alguns dos exemplos, inesgotáveis, de matéria prima. Além dessas designações, há as que são mitológicas, químicas e filosóficas.

Porém, mais importante do que a definição e a nomeação da matéria prima é sua ação, sua reverberação no interior do alquimista: quando a emoção por ela causada desperta seu fogo interior, o amor, este despertará o amor em seu paciente.

O amor é mágico porque é um fogo capaz de provocar muitas transformações, mesmo nas matérias primas mais endurecidas, como vislumbrou Rubem Alves: “Somente os corpos gastos pelo fogo podem se tornar transparentes” (ALVES, 2010, p.45).



O que move um indivíduo a buscar a psicoterapia é o impulso inato para a transformação. Porém, durante um processo terapêutico não é rara a resistência à mudança, já que se dá um confronto com a tendência que todo o ser humano apresenta, também, de se acomodar, deixando tudo inalterado.

O trabalho do analista, assim como o do alquimista, consiste sempre em remover as impurezas aderidas à essência, trabalhando, portanto, no campo da existência, pois esta é passível de ser mudada e transformada. Chegar à essência, esta, sim, inalterável, é a meta, a *opus* alquímica para que se atinja a total realização, que Jung denominou processo de individuação.

Nos processos terapêuticos é bom que possamos enxergar o que há dentro do vaso, que este seja transparente, para que o discernimento e a compreensão fiquem nítidos. O alquimista precisa estar sempre atento, cauteloso com o conteúdo do vaso, pois o que está dentro dele, enquanto não passar por todas as operações e fases, não deve ser retirado, sob risco de não ocorrer a germinação da semente, de a real transformação não ser concluída. É necessário, portanto, conservar o vaso fechado, para que nada ou ninguém interfira no que está acontecendo dentro dele, e assim a obra não seja prejudicada.

O vaso transparente, de vidro, simboliza a psique. Para a areia se transformar em vidro, ela passa pelo fogo, que a tornará permeável à luz. Da mesma forma que o vidro nos permite ver aquilo que encerra, separando o observador do objeto observado, a psique, a alma, é o canal, a via pela qual sentimos e percebemos o mundo.



Toda obra alquímica necessita de fogo, pois sem esta energia não ocorre nenhuma transformação. No nível psicológico, a energia psíquica, a libido, é simbolizada pelo fogo, o qual precisa, pois, ser manipulado corretamente pelo terapeuta, na proporção certa, tal como feito pelos alquimistas.

O analista precisa manter seu olhar no fogo, no conteúdo e também no vaso.

Porém, como analistas jamais podemos nos esquecer de controlar o fogo. O calor que irá fornecer e suprir todo o processo e tornar toda a obra possível precisa ser dosado e necessita de um vaso resistente, que proteja a matéria-prima do contato direto com o fogo, o qual, sendo utilizado de maneira indireta, o que é um aprimoramento enorme, não poderá queimar o processo.

Sendo incontrolável, o fogo rapidamente se espalha, alimentando-se de tudo, assim como o desejo. Por isso precisamos direcioná-lo, canalizá-lo. Ele precisa de regras, direção e foco (*focus*, do latim, significa lareira), para ser bem aproveitado e mantido sob controle.

Assim como existem diversos tipos de fornos e de fogões, que nos remetem à possibilidade de limitação do fogo, são amplamente diversificados os métodos, ou teorias, de que um terapeuta pode lançar mão para aplicar em cada processo terapêutico, de acordo com as necessidades individuais.

Assim, baseado em seus valores e experiência, cada terapeuta constrói o seu próprio fogão, a partir de suas regras, de sua alma, usando-o, na relação terapêutica, conforme a alma e as necessidades de seus pacientes. Portanto, o analista e o paciente são



o laboratório, o vaso e tudo que está sendo cozinhado, que resultará na transformação de ambos.

A arte de regular o fogo é importantíssima na alquimia e, portanto, também o é na psicoterapia: como o analista aquece, inflama, entusiasma, intensifica, lida com a instabilidade, depende de sua capacidade de manejar o fogo, para que a substância alcance o ponto certo.

É necessário conhecer o fogo, suas peculiaridades, sua eficácia alquímica e também seu lado desleal e agressivo, saber exatamente o que está atuando no material a ponto de poder animá-lo. Se o analista não tiver habilidade para atizar em alguns momentos e controlar em outros, nenhuma obra se realiza, pois esse manejo não acontece naturalmente. Ele necessita de ferramentas, operações e ações para que as transformações ocorram. O paciente procura o terapeuta em busca de ajuda, por incapacidade de, sozinho, alcançar a meta de sua alma. Para tal, este tem que se valer dos recursos que possui, das ferramentas necessárias à sua arte, pois as transformações não ocorrem simplesmente pela ação dos pensamentos, mas também por meio de ideias, memórias, mitos, contos, transferência, contra-transferência, *sandplay*, sonhos, metáforas, trabalhos corporais. Quanto maior o leque de recursos disponíveis, mais facilmente o terapeuta poderá acessar a alma de seus pacientes, e a própria. Porém, não nos iludamos, pois todas essas ferramentas, sem a sensibilidade, afeto, empatia e acolhimento por parte do terapeuta, são ineficazes. Da mesma maneira, toda a empatia, sensibilidade e acolhimento sem o conhecimento e habilidade na utilização das ferramentas são inúteis. O



desejo tanto do paciente como do analista pede o que deve ser feito, e a sensibilidade junto com o conhecimento da técnica mostram como deve ser feito. A alma, a psique, o conhecimento tornam-se a ponte para unir o desejo à realização da obra.

O analista precisa ter fogo próprio, para poder atizar o fogo do outro. E assim como o desejo, a vontade, o amor, a ressonância e a empatia, o fogo precisa estar sempre sendo alimentado, para que não se apague. A paixão do analista pelo processo, pela psicoterapia, manterá acesa a chama, assim alimentando o fogo do paciente, para que, juntos, possam atingir a *opus* e se transformar em verdadeiros alquimistas da alegria e do amor.

Como um carneiro que se entrega ao sacrifício, o paciente entrega ao terapeuta todos os seus recursos, todas as suas possibilidades e impossibilidades, oferecendo-se verdadeiramente em sacrifício, em um ofício sagrado, a real natureza de um processo terapêutico.

O carneiro é o animal sagrado do deus do fogo e o símbolo do signo de Áries, cujo planeta regente é Marte, ligado ao deus Ares, na mitologia grega o deus da guerra, planeta das paixões, da impulsividade, da violência. O carneiro é um animal sacrificial usado em muitas religiões e culturas, representando o sacrifício das paixões e dos desejos, isto é, o sacrifício de algo para que o novo possa surgir. Para que sonhos e desejos mais evoluídos e integrados possam surgir e a história de vida do indivíduo possa ser transformada, e as dores e sofrimentos se tornem temperos que trarão sabor à vida.

Neste ponto reside uma grande diferença entre o cientista e o alquimista. Para este, o desejo acende o fogo, o qual irá transformar toda a matéria, e ele sabe que o que se



apreende do que chamamos realidade é ínfimo perante o que se pode imaginar, portanto perante as transformações que podem ocorrer, onde o cru, o que está duro, sem sabor, triste, pode ser transformado pelo fogo da imaginação. Já o cientista não pode dar espaço para o desejo, precisa desenvolver uma visão objetiva, factual, limitada e fria das coisas, retirando-lhes toda a poesia, contrariamente ao alquimista, para quem tudo aquilo que é observado está em permanente transformação.

O olhar do alquimista é um fogo que cozinha toda a matéria que foi colocada no vaso, pois seu desejo é o de que essa matéria se transforme, de que a imaginação desperte. Assim como Alberto Caieiro, para quem “Pensar é estar doente dos olhos”, o alquimista não acredita na realidade absoluta daquilo que vê com seus olhos carnis, pois sabe que em seu laboratório o divino se manifesta e que tudo em que depositar o seu olhar, havendo desejo e vontade, por meio deste fogo será transformado.

No mito de Prometeu, este ensina os homens a pensar, iniciando-os em muitas artes, como a astronomia e a utilização das estrelas como guias para a navegação dos mares (o inconsciente). Porém, crendo beneficiar a humanidade, rouba o fogo dos Deuses e oferece-o ao homem, ensinando-o a cozinhar e a manter o calor. Irado, Zeus pune seu delito acorrentando-o no alto de uma montanha, onde um pássaro passa a devorar seu fígado que, continuamente se regenerando, torna-se eterno alimento para a ave.

O roubo do fogo é aqui uma questão, posto que não só Prometeu é punido por esse ato, mas também a humanidade. Zeus pede a Hefesto que construa uma linda mulher em barro e a envia para a terra com uma caixa na mão, contendo todas as desgraças e toda a



peste capazes de prejudicar a humanidade. Pandora, era este seu nome, casa-se então com Epimeteu, cujo nome significa Reflexão Tardia, irmão de Prometeu, porém não tão esperto. Tomada pela curiosidade de saber o que havia dentro da caixa, Pandora abre-a, soltando sobre a terra todas as pragas nela contidas. Alarmada, tenta fechá-la, mas quando consegue fazê-lo encerra lá dentro a esperança.

Este mito ensina-nos a não usar um fogo roubado nos processos terapêuticos, ou a abrir o vaso antes da hora, ou seja, a não nos iludirmos de que sozinhos, como terapeutas, temos o poder de curar nossos pacientes, por exemplo, ou a não fazermos promessas que não poderemos cumprir, ou ainda a não usarmos o mesmo fogo para transformar pessoas diferentes, querendo impor situações, condutas e operações ao paciente, dizendo o que ele deve ou não fazer.

Existem ainda outros fogos na mitologia grega que precisamos conhecer, como alquimistas, e aos quais devemos prestar a nossa devoção: o fogo de Hestia, a qual traz calor aos lares, afeto, foco, consciência. Trata-se do fogo que nunca podia ser apagado, tinha que ficar sempre aceso dentro de casa para manter a família saudável e unida; o fogo de Hefesto, que lida com os metais, forjas, joalheria, trabalhando com amor e afincado para construir coisas úteis e bonitas para o homem, criado por Deus a partir do barro; o fogo de Ares, deus da guerra, que mata, fere, dói, separa, discrimina; o fogo de Hermes, sutil, mercantilista; o de Afrodite, que nos revela a paixão; o de Eros, o amor; o de Hades, que opera no inconsciente; o de Zeus, impetuoso, impulsivo e impiedoso como o raio.



Em suma, o fogo possui duas naturezas: pode vir do céu, gerado pelos relâmpagos, através do sol, dos deuses, ou da terra, gerado no interior do corpo, dos vulcões, gases, fontes termais.

O alquimista precisa conhecer essa dupla natureza do fogo, para saber qual delas está atuando em determinado momento e processo, e qual precisa ser invocada. Parece difícil, e realmente é, pois a Alquimia, como já foi dito, é a arte do fogo, e dominar essa arte exige empenho, dedicação, paixão, amor, compaixão, paciência, conhecimento e sabedoria, ou seja, ter consciência e trabalhar primeiramente o próprio fogo interno, conhecer os próprios desejos, os combustíveis que o acendem. Afinal, dentre os quatro elementos da natureza, água, terra, ar e fogo, apenas este precisa ser alimentado.

Para que nosso fogo possa ser alimentado, precisamos discriminar primeiramente o que é dever e o que é desejo, balanceando-os, pois os deveres muitas vezes apagam o nosso fogo. Dever é aquilo que temos que fazer mesmo sem vontade, que precisa estar determinado e anotado, que não podemos correr o risco de esquecer ou cumprir; o desejo traz-nos prazer, alegria e está anotado em nosso coração, sabemos-lo *de cor*, não é preciso que ninguém nos lembre, nem mesmo que o anotemos em um papel ou agenda.

Em geral as obrigações e deveres são desejos de outras pessoas, ou resultantes de regras sociais. É importante aprender a discriminá-los do que desejamos, para que possamos conscientemente conciliar as obrigações com os prazeres da vida, pois se não cumprirmos com as obrigações, corremos o risco de não nos desenvolvermos, mas do



mesmo modo, se não cultivarmos o que nos dá prazer, corremos o risco de perder a alma, ou seja, sentiremos um vazio enorme, sede de desejos, adoeceremos.

Este vazio é um pedido da alma para que voltemos a enxergar a alegria da vida, a ter prazer com as coisas simples, como passear na Natureza, tomar sol, usufruir da convivência com a família, saborear uma refeição feita com carinho... Trazendo de volta a energia, o fogo necessário para a realização de uma vida criativa, animada e cheia de fantasias, as chaves para a auto-realização e a consequente transformação do mundo pois, como dizia Jung, a fantasia é a mãe de todas as possibilidades. Só poderemos acessar os nossos desejos, imaginação e fantasia se nos dermos espaço e tempo para vivenciá-los.

Um processo terapêutico pode tornar-se uma oportunidade de reflexão sobre nossos desejos, vontades, idéias, nossa história, o que queremos, ou não, em nossas vidas; sobre o que nos está causando sofrimento, ou trazendo prazer; sobre nossas origens, ou destino; sobre quem somos, enfim, e ao que viemos. É uma oportunidade de ampliação de consciência. Porém, a duração de um processo de análise diz respeito ao fogo, à temperatura que o vaso é capaz de suportar. O terapeuta precisa estar atento primeiramente ao seu próprio fogo, ter consciência de seus desejos, autoconhecer-se, ter passado pelo fogo muitas vezes, para se tornar um doador de energia, capaz de alimentar o fogo do outro. Lembrar que o alquimista trabalha o chumbo, para que este um dia se torne ouro; o carbono, para que um dia se torne diamante, sem expectativa de quanto tempo será necessário para que a obra seja completada, ou seja, de quantas vezes precisará se submeter ao fogo...



O ouro alquímico é a essência para a psicologia analítica; o fogo, a energia psíquica que irá gradativamente sendo libertada. Porém, o tempo necessário para que o potencial de ser ouro desperte no chumbo e o potencial de ser diamante desperte no carbono, este permanecerá um mistério e dependerá do quanto de calor a matéria — a alma — precisará, para poder se redimir e se transformar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, R. (2010). *As melhores crônicas de Rubem Alves*, São Paulo: Ed. Papirus.

Bíblia de Jerusalém (2003). 2ª Ed., São Paulo: Ed. Paulus.

BACHELARD, G. (1999). *A Psicanálise do Fogo*, São Paulo: Martins Fontes.

CHEVALIER e GHERBRANT (1988). *Dicionário de Símbolos*, Rio de Janeiro: J. O. Editora.

EDINGER, E. (1995). *Anatomia da Psique*, São Paulo: Ed. Cultrix.

HILLMAN, J. (2011). *Alchemical Psychology*, Uniform Edition of the Writings of James Hillman, vol. 5, Putnam, Conn., Spring Publications.

HILLMAN, J. (1997). *O Código do Ser*, Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.

JUDITH, A. (2010). *Rodas da Vida*, Rio de Janeiro: Ed. Nova Era.

JUNG, C. G. (1991). *Psicologia e Alquimia*, OC 12, Rio de Janeiro: Ed. Vozes.



JUNG, C. G. (1991). *Estudos Alquímicos*, OC 13, Rio de Janeiro: Ed.Vozes.

JUNG, C. G. (1989). *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

STROUD, J. H. (2005). *Fire is hot*, Dallas Institute Publications.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

PETRINUS, Rubebellus, *Espagíria Alquímica*, disponível em <http://www.tpissarro.com/alquimia/espag-p.htm> acesso em 26/03/2011.

Origem da Cerâmica disponível em <http://www.ceramistas-es.com.br/ceramica/ceramica1.htm> acesso em 26/03/2011.

Wikipédia, a enciclopédia livre, *Vaso*, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaso> acesso em 26/03/2011.

ALVES, Rubem, *A casa de Rubem Alves, Quarto de Badulaques*, disponível em <http://www.rubemalves.com.br/quartodebadulaquesXIV.htm> acesso em 26/03/2011.

LISPECTOR, Clarice, *abud* FERNANDES, Albertino, *Para Ler e Pensar*, disponível em http://www.paralerepensar.com.br/c_lispector.htm acesso em 26/03/2011.

Autora: **Renata Whitaker Horschutz** - Psicóloga; analista Junguiana; membro da AJB (Associação Junguiana do Brasil); membro do IJUSP (Instituto Junguiano de São Paulo), membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology), membro da ISST (International Society for Sandplay Therapy), especialista em atendimento infantil.